

**UNIVERSIDADE FEDERAL SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**

**A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSOR (A) DE  
SURDOS: EM QUE LÍNGUA VOU ENSINAR?**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE  
CURSO**

**Cássia Jarine Sima**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2017**

**Cássia Jarine Sima**

**A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSOR (A) DE SURDOS: EM QUE  
LÍNGUA VOU ENSINAR?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS) como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Educação Especial.**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elisane Maria Rampelotto

Santa Maria, RS, Brasil

2017

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso Graduação em Educação Especial**

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho  
de Conclusão de Curso

**A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSOR (A) DE SURDOS: EM QUE  
LÍNGUA VOU ENSINAR?**

elaborada por  
**Cássia Jarine Sima**

como requisito final para obtenção do grau de  
**Licenciada em Educação Especial**

**Aprovada em: 14/12/2017**

**BANCA EXAMINADORA:**



---

**Elisane Maria Rampelotto, Prof.<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> (UFSM)**  
(Presidente / Orientadora)



---

**Priscila Silva Linassi, Ms. Prof.<sup>a</sup> (CAMEE Rio Pardo)**  
(Examinadora)

---

**Sonia Therezinha Messerschmidt, Prof.<sup>a</sup>(UFSM)**  
(Examinadora)

Santa Maria, RS, Brasil

2017

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pelas oportunidades maravilhosas, principalmente a de estar concluindo este Curso ao qual me dediquei e amo tanto.

Agradeço, imensamente, aos meus pais, Magna e Waltair e, ao meu irmão Jader pelo amor, apoio e incentivo incondicional.

À minha orientadora, Professora Elisane Rampelotto, pelo empenho, dedicação e apoio na elaboração deste trabalho.

Meus sinceros agradecimentos!

## RESUMO

Trabalho de Conclusão de Curso  
Curso de Licenciatura em Educação Especial  
Universidade Federal de Santa Maria

### A EXPERIÊNCIA DE SER PROFESSOR (A) DE SURDOS: EM QUE LÍNGUA VOU ENSINAR?

AUTORA: Cássia Jarine Sima  
ORIENTADORA: Elisane Maria Rampelotto

A relação de professores ouvintes com a Língua de Sinais (LS) se tornou uma necessidade para a inclusão em sala de aula. Apesar da atual oferta nas grades de cursos formadores de professores, o domínio e utilização da Libras ainda é precário. Este estudo tem como lócus de pesquisa a *Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser*- única escola de surdos do interior do estado do RS. Como instrumento de pesquisa, este estudo investe na *Entrevista* realizada a 4 (quatro) professores ouvintes atuantes na Instituição. Problematisa-se, por meio de uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa, qual a reação/ atitude do professor ouvinte quando é encaminhado à escola de surdos para ministrar aulas, isto é, quando não tem domínio da língua de contato e de comunicação dos futuros alunos? Objetiva-se investigar as reações e atitudes do professor que tem aluno surdo em sala de aula e verificar a abordagem metodológica que esses utilizam para expor os conteúdos aos estudantes surdos. Para referenciar o trabalho faz-se uso da revisão de literatura sobre a “comunicação oral” para surdos, explicando posteriormente a Comunicação Total, o Bilinguismo (Português Escrito e Língua Brasileira de Sinais), e a relação que as crianças surdas têm com ambas as línguas em sua estrutura/ organização. Como principal resultado das entrevistas, estabeleceu-se a aprendizagem constante da Libras por parte dos professores ouvintes no convívio com os alunos surdos, ressaltando a importância da coexistência com essa comunidade para a efetiva aprendizagem da Libras. Conclui-se que, embora tenham se passado mais de 10(dez) anos desde a obrigatoriedade da disciplina de Libras nas licenciaturas, seu uso é extremamente precário, geralmente com a oferta de uma única disciplina durante o curso. O que comprova que a interação e comunicação com o aluno surdo ficam prejudicadas, não proporcionando ao futuro docente uma aprendizagem e fluência na língua de sinais, fazendo-se necessário o uso de diversos recursos, principalmente visuais, para que possa ocorrer a comunicação entre professor/ aluno e entre aluno/ conteúdo.

**Palavras-chave:** Escola de Surdos. Educação de Surdos. Professor ouvinte. Língua de Sinais.

## ABSTRACT

### THE EXPERIENCE OF BEING A TEACHER (A) OF DEAF: WHAT LANGUAGE ARE YOU GOING TO TEACH?

AUTHOR: Cássia Jarine Sima

ADVISOR: Elisane Maria Rampelotto

The relationship of listening teachers with Sign Language (LS) has become a necessity for inclusion in the classroom. Despite the current offer in teacher training courses, the dominance and use of Libras is still precarious. This study has as a locus of research the State School of Special Education Dr. Reinaldo Fernando Coser - unique school of deaf people of the interior of the state of RS. As a research instrument, this study invests in the Interview with 4 (four) listening teachers working in the Institution. It is problematic, through a descriptive research of qualitative approach, what is the reaction / attitude of the listener teacher when he is referred to the deaf school to teach classes, that is, when he does not have control of the language of contact and communication of the future students ? The objective is to investigate the reactions and attitudes of the teacher who has a deaf student in the classroom and to verify the methodological approach that they use to expose the content to deaf students. To refer to the work, the literature review on "oral communication" for the deaf is used, explaining later Total Communication, Bilingualism (Portuguese Written and Brazilian Sign Language), and the relationship that deaf children have with both languages in their structure / organization. As the main result of the interviews, the constant learning of the Libras was established by the listening teachers in the conviviality with the deaf students, emphasizing the importance of the coexistence with this community for the effective learning of the Libras. It is concluded that, although it has been more than 10 (ten) years since the compulsion of the discipline of Libras in the degrees, its use is extremely precarious, generally with the offer of a single discipline during the course. This proves that the interaction and communication with the deaf student are impaired, not giving the future teacher a learning and fluency in the sign language, making necessary the use of several resources, mainly visual, so that communication between teacher / student and between student / content.

**Keywords:** School of the Deaf. Education of the Deaf. Listening teacher. Sign language.

## SUMÁRIO

Apresentando a Pesquisa .....	9
<b>PARTE I</b> .....	13
1. CAMINHOS INVESTIGATIVOS .....	14
1.1 Instrumento da Pesquisa .....	15
1.2 Sujeitos da Pesquisa .....	16
1.3 Lócus da Pesquisa: Espaço Escolar .....	16
<b>PARTE II</b> .....	19
2. REVISÃO DA LITERATURA .....	20
2.1 Abordagens utilizadas na Educação de Surdos: Dos primórdios aos dias de Hoje.20	
2.1.1 Comunicação Oral – Oralismo ou Português Oral .....	20
2.1.2 Comunicação Total ou Comunicação Bimodal .....	21
2.1.3 Bilinguismo ou Educação Bilíngue .....	23
2.2 Escola de Surdos: Interação e Comunicação através da Experiência Visual .....	25
2.2.1 A Língua Brasileira de Sinais .....	25
2.2.2 O Português Escrito .....	25
<b>PARTE III</b> .....	28
3. DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADO .....	29
3.1 Professor Ouvinte/Aluno Surdo: Reações e Atitudes em Sala de Aula .....	29
3.2 Interação e Comunicação: “Como explicar os conteúdos se não sei Libras”?.....	33
4. ENCERRANDO A PESQUISA .....	38
5. REFERÊNCIAS.....	40
APÊNDICE A... ..	43
APÊNDICE B... ..	48

## **Apresentando a Pesquisa**

Para iniciar a escrita deste estudo, gostaria de fazer um relato da minha trajetória enquanto acadêmica, desde a escolha pelo Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria, até a escolha do tema do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC).

Durante meus dois primeiros anos no Ensino Médio, meu desejo era cursar Psicologia (o que ainda constitui um desejo meu). No entanto, sabia que o ensino na escola em que estudava na infância e na adolescência deixava muitas lacunas e, morando no interior, seria muito difícil deslocar-me para outra cidade e prestar cursinho pré-vestibular. Além disso, as condições financeiras de minha família eram precárias para investir nos estudos do ensino médio em outra cidade. Continuei estudando e fazendo provas preparatórias para vestibulares pela internet, mas sempre pensando no Curso de Psicologia.

No terceiro ano do Ensino Médio, era o momento de decidir qual curso optar para realizar o vestibular. Por ser o último ano, éramos pressionados a fazer muitos trabalhos, muitos cálculos, muitas redações, enfim, precisávamos ficar os dois períodos na escola para conseguirmos dar conta e fazermos todas as tarefas solicitadas pelos professores.

Meu desejo como mencionado anteriormente, era o de cursar Psicologia. Porém, não me sentia preparada. E, foi nas tardes em que precisei ficar na escola realizando os trabalhos, durante o último ano do ensino médio, que conheci a Sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE). Após realizar os trabalhos, aproveitava o tempo para conversar com a Educadora Especial da escola onde estudava. Foi-me oportunizado o contato com alunos especiais, especificamente alunos com Síndrome de Down, Deficiência Física e com Deficiência Intelectual. Depois da experiência com a alteridade deficiente na escola em que estudava, comecei a pensar na possibilidade de rever a escolha do curso.



Comecei a pesquisar e fui direto para a grade curricular do Curso de Educação Especial, e percebi que muitas das disciplinas me chamavam atenção. Dentre elas, uma ênfase especial às quatro disciplinas de Psicologia da Educação, Língua Brasileira de Sinais (Libras) e, as Metodologias. A partir daí, meu interesse acadêmico mudou. Pensei na possibilidade de ser Educadora Especial e seguir os estudos. Com a aproximação do vestibular, fui tomada pela angústia e pela dúvida de que se tudo daria certo.

Passado o ritual das provas do vestibular, a manifestação de ansiedade foi aumentando, principalmente por estar na espera da lista de classificados do vestibular de 2014 da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

No dia 28 de dezembro de 2013, dia da divulgação dos aprovados do vestibular da UFSM, liguei na Rádio Medianeira FM para ouvir os candidatos aprovados. Diante das listas intermináveis dos vários candidatos dos cursos que eram divulgados, chega o momento da listagem do curso de Educação Especial. Quando ouvi meu nome fiquei emocionada e muito feliz. Uma sensação de empoderamento e gratidão pela conquista. Com isso, muita festa, vontade de compartilhar e comemorar, com meus amigos e familiares, a tão esperada vitória.

Atualmente, estou cursando o 8º semestre do Curso de Educação Especial e me sinto muito feliz diante da escolha feita. A cada etapa e estágio que concluo, tenho mais certeza dessa escolha.

Quando ingressei no Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria, ainda não havia definido a área na qual gostaria de realizar pesquisa. Mas durante a trajetória acadêmica, das disciplinas que cursava e dos estágios que se efetivavam, fui percebendo a área que gostaria de atuar como Educadora Especial. Após realizar o estágio supervisionado com alunos surdos na Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser, começam os questionamentos e a possibilidade de realizar esta pesquisa.

Presenciei algumas situações na escola que me inquietavam. Uma delas estava/está relacionada ao professor ouvinte que é destinado a dar aulas na escola Coser. Queria saber a reação/atitude dos professores que não sabiam que a escola que deveriam assumir para dar aulas é só para surdos. Questionava-me: como agir diante de alunos surdos, quando o professor desconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) utilizada por estes usuários? Como o professor ouvinte vai dar aulas se não sabe Libras que é considerada a primeira língua (L1) dos surdos?

A partir de tais inquietações, trago o problema de pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso: qual a reação/ atitude do professor ouvinte quando é encaminhado à escola de surdos para ministrar aulas e não domina a língua de contato e de interação dos futuros alunos? Como o professor ouvinte das diferentes áreas como português, Química, História, Ciências, Matemática, etc. interage e comunica-se com seus alunos surdos? E qual a abordagem de ensino que utiliza para ensinar os conteúdos?

Em busca de responder aos questionamentos deste estudo, tenho como objetivo Geral: Investigar as reações e atitudes do professor que tem aluno surdo em sala de aula e verificar a abordagem metodológica que utilizam para expor os conteúdos aos estudantes surdos. Quanto aos objetivos específicos: averiguar a forma como o professor ouvinte se comunica com os alunos surdos em sala de aula; verificar as atitudes e interações dos professores ouvintes com o/s aluno/s surdo/s em sala de aula.

A fim de contemplar o problema de pesquisa e os objetivos propostos, este estudo está estruturado da seguinte maneira:

O primeiro capítulo, *Apresentando a Pesquisa* no qual ressalto a intenção em realizar o estudo, assim como destaco os objetivos, problema de pesquisa, relatando a minha trajetória acadêmica, antes mesmo de entrar para o Curso de Educação Especial na UFSM.

Em seguida, o desenvolvimento do trabalho se dá a partir de três partes:

Na Parte I, em *Caminhos Investigativos* trago a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa explicando como e porque foi realizada.

Também aponto o instrumento de pesquisa usado para coletar e obter os dados, além de informar o lócus da pesquisa e os sujeitos que fazem parte do estudo.

Na Parte II, *Abordagens utilizadas na Educação de Surdos: Dos primórdios aos dias de Hoje* apresento as abordagens educacionais utilizadas para a comunicação e escolarização dos surdos. Nesta mesma parte em *Escola para Surdos: Interação e Comunicação através da Experiência Visual* destaco a importância da Língua de Sinais e do Português Escrito como meio de interação na escola de surdos.

A Parte III reúne as respostas da pesquisa realizada junto aos professores ouvintes da escola de surdos de Santa Maria. Os dados coletados fundamentam o estudo efetivado a partir de duas categorias de análises.

Para finalizar, registram-se os principais pontos encontrados na pesquisa com as contribuições para o campo da Educação Especial.

# PARTE I

## 1. CAMINHOS INVESTIGATIVOS

Para o desenvolvimento, organização e estruturação de uma pesquisa, deve-se definir uma metodologia, a qual define todo o processo de busca e análise dos dados recolhidos, dados esses, que confirmam ou descartam a hipótese inicial. Por pesquisa entende-se: um conjunto de atividades e ações que visam buscar novos conhecimentos, constituindo um dos pilares da atividade da vida acadêmica, não deixando de ser, também, parte do cotidiano. Linhares (2001) vai afirmar que “[...] a pesquisa é um processo humano que se tornou comum em nosso cotidiano, pesquisamos preços para comprar algo, pesquisamos para encontrar ou conhecer um objeto ou serviço.”.

Nesse sentido, pesquisar, não é somente coletar dados, e sim, refletir, avaliar e descobrir informações a partir desses dados. Sendo assim, Cunha (1986), diz que pesquisar é a “[...] busca com investigação [...]”, ou seja, não é uma busca qualquer e sim, uma significação de um tema abrangente.

Seguindo essa perspectiva, Hirtz postula:

Pesquisar significa não satisfazer-se com o que se apresenta na superfície, mas questionar-se sobre o aparente para resolvendo-o entrar em suas entranhas, significa embrear-se no objeto em estudo para conhecê-lo em suas diversas dimensões em profundidade. É sentir-se afetado pela curiosidade e o desejo busca e superação, é deixar ser habitado pela inquietação. (HIRTZ, 2004, p. 11).

Nessa lógica, descreve-se esse trabalho como uma pesquisa qualitativa, sendo um método de investigação científica, mas que tem como objetivo analisar as experiências dos entrevistados que, têm liberdade para expor os seus pontos de vista sobre determinado assunto, de acordo com a temática da pesquisa. Sendo assim, na pesquisa qualitativa as respostas não são objetivas e se tem como propósito contabilizar quantidades de respostas, mas compreender a opinião do público alvo sobre o problema de pesquisa, destarte este método de pesquisa é realizado com um número pequeno de entrevistados. Vejamos o que explana Possa (2008) em relação à pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa busca respostas para perguntas que destacam o modo como as experiências educacionais, pedagógicas e sociais

no contexto das instituições educacionais acontecem, pois o papel da pesquisa qualitativa é criar e atribuir significados aos fatos, fenômenos e acontecimentos. (POSSA, 2008, p.144)

Seguindo a mesma linha de pensamento, a pesquisa descritiva que faz parte deste trabalho, realiza um estudo detalhado, com levantamento de dados através das técnicas de coleta, visando à análise e interpretação destes dados. Como coloca Gil (1999):

Algumas pesquisas descritivas vão além da simples identificação da existência de relações entre variáveis, pretendendo determinar a natureza dessa relação. Neste caso tem-se uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa. Por outro lado, há pesquisas que, embora definidas como descritivas a partir de seus objetivos acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias. (GIL, 1999, p 28.)

Os métodos da pesquisa descritiva, juntamente com a pesquisa exploratória, são normalmente utilizados pelos pesquisadores a partir da preocupação de haver um enlace entre a teoria e a prática. Essas também são as mais usadas por instituições educacionais, comerciais, partidos políticos, etc.

## **1.1 Instrumento da Pesquisa**

Como instrumento de pesquisa será utilizada a entrevista - uma conversa entre duas ou mais pessoas com um fim determinado - na qual farei questionamentos e conversarei com professores sobre a experiência de receber o aluno surdo em sala de aula.

A entrevista é seguramente a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais. Daí porque podem ser definidos diferentes tipos de entrevista, em função de seu nível de estruturação. As entrevistas mais estruturadas são aquelas que predeterminam em maior grau as respostas a serem obtidas, ao passo que as menos estruturadas são desenvolvidas de forma mais espontânea, sem que estejam sujeitas a um modelo preestabelecido de interrogação. (GIL, 1999 p. 111)

Com isso, utilizo também como metodologia de pesquisa, a entrevista focalizada, que tem seu foco em um tema bem específico. Esse tipo de entrevista é muito utilizada em situações experimentais, com o objetivo

de explorar alguma experiência vivida, proporcionando extrema liberdade ao entrevistado de expor sua visão sobre o assunto.

## 1.2 Sujeitos da Pesquisa

Para a realização deste estudo, realizarei a entrevista com cinco professores da Rede Estadual de Ensino, que já tiveram ou ainda têm alunos surdos em sala de aula.

**TABELA 1 - SUJEITOS DA PESQUISA**

<b>P1</b>	<b>NP</b>
<b>P2</b>	<b>EL</b>
<b>P3</b>	<b>MD</b>
<b>P4</b>	<b>HP</b>

*Fonte: Elaborado pela pesquisadora*

## 1.3 Lócus da Pesquisa: Espaço Escolar

Em relação ao lócus de pesquisa, as pesquisadoras Marostega e Lunardi (2006), em seus estudos, questionam sobre qual seria esse espaço? Como seria esse ambiente? As autoras requerem sobre como seria esse espaço para que a educação, no caso dos surdos, pudesse melhor se desenvolver.

Poderíamos arriscar responder essa questão perguntando: seria a escola regular, a escola de ouvintes, um ambiente natural para a comunidade surda? Um ambiente onde as práticas e discussões privilegiam a língua oral na sua forma escrita e falada e onde a língua de sinais é vista simplesmente como um meio e não como a língua específica da comunidade surda? (MAROSTEGA E LUNARDI, 2006, p. 13),

Com vistas a o que foi expresso anteriormente, estamos falando de uma Escola de Surdos, local onde se realizou essa pesquisa, isto é na *Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser*<sup>1</sup>. A Instituição se localiza na Rua Valdemar Coimbra, S/N, Bairro Lorensi, na periferia de Santa Maria (RS). Segundo o Projeto Político Pedagógico

(PPP), a escola atua na educação de surdos desde a Educação Infantil aos Anos Iniciais e Finais, Ensino Médio e EJA, tendo seu funcionamento nos períodos: manhã, tarde e noite.

A Escola tem como filosofia trabalhar uma proposta de Educação Bilíngue para os surdos, visando que se continuem enquanto sujeitos históricos, inseridos num contexto sócio – cultural – político - antropológico. A criação da Escola era uma reivindicação antiga da comunidade de surdos e dos professores de surdos no município de Santa Maria e região. Com sua criação, buscou-se atender a todos esses anseios, oferecendo Educação Infantil, Ensino Fundamental e a Língua de Sinais como parte do Currículo, consolidando, assim, o incentivo a cultura e a identidade surda.

O homem constrói sua especificidade e se constrói enquanto ser histórico na medida em que transcende o mundo natural pelo trabalho. Ao transcender a mera natureza (tudo aquilo que não depende de sua vontade e de sua ação), o homem ultrapassa o nível da necessidade e transita no âmbito da liberdade. A liberdade é, pois da necessidade natural, é algo construído pelo homem à medida que constrói sua própria humanidade. (PPP Cóser, 2003, p. 8)

A escola é um lugar vivo, livre e democrático, que garante uma Educação e ensino de qualidade para os alunos que frequentam o espaço. Além disso, procura propiciar momentos de atividades e discussões coletivas, também abertas à comunidade em geral. Promovendo acesso ao conhecimento, a realidade dos alunos, suas experiências, saberes, cultura, estabelecendo uma constante relação entre teoria e prática; oferece espaços de formação para os educadores, na perspectiva da construção de sujeitos críticos. Para isso:

[...] os espaços de educação de surdos devem garantir a esses sujeitos: (1) Uso da Língua de Sinais como língua de instrução e o Português como segunda língua; (2) Espaço de construção de identidades surdas e culturas surdas; (3) Uma política pedagógica e curricular da identidade e da diferença; (4) uma pedagogia da diferença que acolhe o surdo como surdo, como o outro, como diferente do ouvinte, e não o oposto do ouvinte. (MAROSTEGA e LUNARDI, 2006, p. 11)

---

<sup>1</sup> Nome à única Escola de Surdos de Santa Maria. Segundo Rampelotto (2004, 37), "a Educação Especial teve início em 1960, com o médico otorrinolaringologista e professor Reinaldo Fernando Coser.



A educação das pessoas surdas foi e continua sendo uma preocupação das políticas públicas. Sendo assim, os espaços que buscam estratégias para o ensino-aprendizagem das crianças e alunos surdos, devem construir escolas que busquem sempre problematizar junto à comunidade, para garantir a educação dos surdos, assim como seus direitos na sociedade.

## **PARTE II**

## **2. REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 Abordagens utilizadas na Educação de Surdos: Dos primórdios aos dias de Hoje**

#### **2.1.1 Comunicação Oral – Oralismo ou Português Oral**

A Comunicação Oral, utilizada na educação de surdos, também é conhecida, em nosso país, como Oralismo ou Português Oral, considerado como método de ensino para surdos. Desde o século XVI, Pedro Ponce de Leon realizava um trabalho pedagógico com surdos, ensinava a leitura e a escrita, fazia treinamento de fala e usava o alfabeto manual. Também eram alfabetizados através da oralização.

Este método ganhou mais força quando no Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em Milão, no ano de 1880, houve a proibição de língua de sinais como método de educação dos surdos. Este congresso contou com a presença de apenas quatro surdos, que tentaram argumentar a importância em se manter o método da oralidade e a língua de sinais concomitantemente, porém suas reivindicações não foram aceitas. Após o congresso, a oficialização do Oralismo tornou-se, para a maioria dos países, o único método aceito mundialmente para educação de surdos. Segundo Rampelotto (1993), o oralismo é:

Um método no qual o surdo deve ser exposto a um treinamento com técnicas específicas através do treino auditivo, a percepção visual (a fim de fazer a leitura labial) e a percepção tátil (para sentir as vibrações produzidas nas emissões articulatórias), possibilitando ao surdo, dessa forma, falar e compreender a fala das pessoas ouvintes. A educação oralista dos surdos é, portanto, uma abordagem de educação na qual o surdo deve concentrar seus esforços para reproduzir o modelo ouvinte. (RAMPELOTTO,1993, p.15)

Perlin e Strobel, afirmam que este método de educação direciona-se ao modelo clínico onde esta “visão afirma a importância da integração dos sujeitos surdos na comunidade de ouvintes e que para isto possa ocorrer-se o sujeito surdo deve oralizar bem, fazendo uma reabilitação de fala em direção à ‘normalidade’ exigida pela sociedade”. (PERLIN e STROBEL, 2008, p.12)

Laborit (2000) em seu livro *O vóo da Gaivota* demonstra todo o sentimento quanto às imposições do mundo ouvinte.

Somos uma minoria, os surdos profundos de nascença. Com uma cultura específica e uma língua específica. Os médicos, os investigadores, todos os que querem transformar-nos a qualquer preço em ouvintes põem-me os cabelos em pé. Fazerem-nos ouvintes é aniquilar a nossa identidade. (LABORIT, 2000, p. 115)

A educação oralista ganhou mais força, a partir da segunda metade do século XIX. Por mais de 100 anos permaneceu sendo utilizada como práticas ouvintistas no ensino para os surdos. A imagem do surdo neste contexto da educação oralista "era a de doente que precisava ser curado da surdez, precisava falar a qualquer custo, precisava ouvir de qualquer jeito, enfim, precisava ser ouvintizado" (RAMPELOTTO, 2004, p. 16).

Toda vez que se fala na história da educação dos surdos no mundo se reprisa relativamente o que nos diz Sá (1999):

Primeiramente, os surdos foram "descobertos" pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem "educados" e afinal conseguirem ser como os ouvintes; quando não se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos (SÁ, 1999, p.3-4)

Até meados das décadas de 1960/1970 o oralismo influenciou a educação de surdos. Mais tarde, no entanto, passou a ser rejeitada pelo fracasso na escolarização desses sujeitos e também, pela limitada interação e comunicação entre surdos e ouvintes.

Com o insucesso da abordagem oralista e, conseqüente fracasso no desenvolvimento linguístico, cognitivo e afetivo dos surdos, surge uma nova fase na educação dos surdos – a filosofia da Comunicação Total.

### **2.1.2 Comunicação Total ou Comunicação Bimodal**

A partir das evidências do fracasso do oralismo na educação dos sujeitos surdos, surge uma nova 'filosofia' denominada *Comunicação Total* – CT, também chamada, por alguns autores, de Comunicação Bimodal. De acordo com Ciccone, a Comunicação Total pode ser definida como:

[...] uma filosofia de trabalho que “implica numa maneira própria de se entender o surdo e, a partir daí pensar-se na organização de uma metodologia de trabalho” [...] dentro de programas para o atendimento e a educação da criança surda. Esses programas de comunicação total incluem gestos e língua sinalizada, bem como a estimulação auditiva, adaptação de aparelho de amplificação sonora individual, leitura labial, oralização, leitura e escrita. A comunicação total traz uma filosofia de libertação total na busca pela comunicação do surdo. (CICCONI,1990, p.6) .

A Comunicação Total surge no Brasil na década 1960 para ser uma alternativa à oralidade. Uma professora, mãe de uma menina surda, criou uma abordagem metodológica nova, denominada de “Abordagem Total”, uma combinação de língua de sinais e datilologia com fala, leitura da fala e treinamento auditivo. Esta metodologia de trabalho foi adotada por mais regiões, como afirma Capovilla:

Com a filosofia da Comunicação Total e a conseqüente adoção da língua falada e sinalizada nas escolas e nos lares, as crianças começaram a participar das conversas com seus professores e familiares, de um modo que jamais havia visto desde a adoção do oralismo. No fim dos anos 1960 e início dos anos 1980, as Dinamarca, por exemplo, o progresso se tornou tão aparente que a sinalização da fala usada na Comunicação Total foi logo adotada como “o método” por excelências. (CAPOVILLA,2000, p. 104)

Além disso, a filosofia contempla algo extremamente importante para a cultura surda, que é o surdo visto enquanto uma pessoa, um sujeito, e não enquanto uma patologia. É fato que a surdez repercute na vida social, afetiva e no desenvolvimento cognitivo do indivíduo, por isso defende-se uma melhor viabilidade da comunicação do surdo com o mundo ao seu redor. Segundo Poker e Rosimar (2000), apesar da CT ter sido criada para aperfeiçoar a comunicação com e entre os surdos, através de várias modalidades, os professores que aprenderam a Língua de Sinais, passaram então a usar um tipo padronizado de comunicação, uma mistura de inglês sinalizado e da língua de sinais. Poker e Rosimar ainda acrescentam que:

Uma diferença marcante entre a CT e as outras abordagens educacionais, se dá pelo fato de que a CT defende quaisquer recursos linguísticos, seja a língua de sinais, a linguagem oral ou códigos manuais, para propiciar a comunicação com as pessoas com surdez. A Comunicação Total valoriza a comunicação e a interação e não apenas a língua. Seu objetivo maior não se restringe ao aprendizado de uma língua. Outro aspecto a ser salientado é que

esta filosofia respeita a família da criança com surdez. Acredita que cabe à família o papel de compartilhar valores e significados, formando, junto com a criança, através da possibilidade da comunicação, sua subjetividade. Os defensores da filosofia da Comunicação Total recomendam então o uso simultâneo de diferentes códigos como: a Língua de Sinais, a datilologia, o português sinalizado, etc. [...] Nesse sentido a Comunicação Total acredita que esse bimodalismo pode atenuar o bloqueio de comunicação existente entre a criança com surdez e os ouvintes. Tenta evitar que as crianças sofram as consequências do isolamento. (POKER E ROSIMAR, 2000, p. 147)

Assim, o domínio de uma língua para a criança possibilita com que ela se ajuste na comunidade e/ou família da qual faz parte, assim como em quaisquer outros lugares em que ela mantenha laços de identidade.

### **2.1.3 Bilinguismo ou Educação Bilíngue**

Essa proposta reconhece o fato de que o surdo vive numa condição bilíngue e bicultural, isto é, que convive no dia-a-dia com duas línguas e duas culturas: a língua gestual e cultura da comunidade surda do seu país e, a língua oral e cultura ouvinte de seu país. A partir de uma abordagem educacional, o bilinguismo reconhece que as crianças surdas são interlocutoras naturais de uma língua adaptada à sua capacidade de expressão.

Posto isto, a comunidade surda propõe que as crianças surdas devem aprender a Língua de Sinais (LS) oficial de seu país, desde a infância, como primeira língua. Ressalta-se a importância da língua e da comunicação com as crianças desde a infância, objetivando um melhor desenvolvimento cognitivo e social. Observa-se, ainda, que nessa fase da vida das crianças, não seja ignorado, o valor do convívio das crianças surdas com adultos surdos, por possuírem mais experiências e conhecimentos. Por conseguinte, Rampelotto (1993), ressalta que:

Os surdos estão assumindo e desenvolvendo valores inerentes à sua cultura, encaminhando-se para uma visão da essência de si como ser surdo. Essa evolução culmina com o surgimento de uma nova abordagem educacional, o enfoque recente que preconiza a educação bilíngue, uma prática pedagógica em cuja filosofia está presente a existência de uma língua natural – a língua de sinais – e a língua oficial do país. (RAMPELOTTO, 1993, p. 23)

Segundo Behares (1990), pesquisas feitas em torno da interação inicial das crianças surdas (crianças que nascem surdas ou aquelas que ficam surdas quando muito pequenas), com suas mães ouvintes ou surdas, revelam que essa relação é fundamental, desde o preâmbulo de vida dessas crianças. Com vistas à compreensão da natureza dos processos interativos, influenciando, posteriormente, no desenvolvimento linguístico.

O domínio de uma língua possibilita ajustamento do surdo na sociedade/família/comunidade em que ele vive e, é onde ele irá criar laços de identidades. A socialização da criança surda começa desde muito cedo, isso significa que a LS é muito importante nessa fase:

[...] é imprescindível ao surdo, mesmo que este, no início, esteja limitado à comunicação apenas com aqueles que manipulem bem esta língua ou que se iniciem no seu aprendizado. Posteriormente, em contato com a língua oral, sua segunda língua, terá alcançado maior aptidão em todos os níveis (psicológico, cognitivo, social e linguístico) para enfrentar a árdua tarefa **do seu aprendizado** (FERREIRA, 1986, p.19, **grifo nosso**).

Com a Educação Bilíngue, o surdo se torna uma pessoa ajustada ao meio em que vive na sua comunidade e sociedade, sendo capaz de competir com a comunidade majoritária, a ouvinte. O surdo é educado de maneira a se tornar uma pessoa bilíngue e bicultural.

A proposta bilíngue visada pela escola para surdos de Santa Maria-RS, parte da realidade de que os surdos fazem parte de uma comunidade minoritária, com valores, cultura e língua natural próprios. A ideia principal do bilinguismo na escola é de que as crianças surdas possam adquirir a L2 (aqui em Santa Maria é a Língua Portuguesa Escrita - PE), através de sua primeira língua (L1), que é a Língua de Sinais. (REGIMENTO ESCOLAR, 2003, p. 11)

É de extrema importância para os alunos surdos, que eles aprendam a Libras para depois então aprender e trabalhar a questão do Português Escrito. Sendo assim, é necessário que já se tenha todo o entendimento sobre a Libras, cultura e seu valor, para que seja mais fácil a adaptação com o Português Escrito.

## **2.2 Escola de Surdos: Interação e Comunicação através da Experiência Visual**

### **2.2.1 A Língua Brasileira de Sinais**

A Língua de Sinais (LS), não é um recurso metodológico, não é apenas um meio de passar informações e conteúdos em sala de aula. A LS constitui a primeira língua das crianças surdas, a qual é utilizada a todo o momento para usufruir das mesmas possibilidades e oportunidades que outras crianças ouvintes tenham. E também é ponderosa no que se refere à aprendizagem da segunda língua, que é o Português. Para Stokoe (1980) a Língua de Sinais consiste em:

Um sistema humano, culturalmente transmitido, no qual tanto os sinais visíveis como os processos de formação de palavras e frases operam sem nenhuma relação com a fala ou com sons vocais; e que é usado pelos membros de uma população surda, adquirido como primeira língua por pessoas que não podem ouvir a língua falada e por filhos de pais surdos (STOKOE, 1980, p.365).

Assim, como as demais línguas naturais que existem, a LS é composta por níveis linguísticos como: a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica. Da mesma forma que nas outras línguas, existem palavras, que recebem o nome de sinais. A diferença é sua modalidade de articulação visual-espacial, o que significa que não basta apenas conhecer os sinais, é necessário conhecer a gramática para combinar as frases e a utilização do espaço.

### **2.2.2 O Português Escrito**

Ensinar a escrita para quem desconhece a oralidade é um desafio muito grande para professores de alunos surdos. O problema não está na surdez, mas na falta de conhecimento do português falado. Porém, nos dias



oje, existe a Libras, que tem uma composição e formação muito ular. Sem considerar a primeira língua dos surdos, o processo de aprendizagem da Língua Portuguesa, na condição de segunda língua, fica comprometido.

Para os surdos, a aquisição da modalidade escrita, a alfabetização em outra língua, com diferentes formações e composições é algo difícil. Por isso, as irregularidades encontradas nas escritas das pessoas surdas, condizem com a construção da própria língua de sinais. Podemos apresentar um exemplo dessa construção:

a) **LÍNGUA PORTUGUESA:** *“O meu sobrinho vai se formar como jornalista em dezembro”,*

b) **LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS:** *“Dezembro agora sobrinho meu formatura jornalista”.*

Devido às diferenças estruturais entre a Língua de Sinais e a Língua Oral, é comum que os alunos surdos tenham dificuldades para escrever textos em Língua Portuguesa, que sejam considerados coesos, entretanto tal fato não pode interferir na produção de texto. Se necessário, o aluno deve escrever em tópicos e frases, para que com o tempo vá se aperfeiçoando.

Poucos alunos surdos conseguem fazer o uso correto dos morfemas, parágrafos e as ligações entre as palavras, porém o que deve ser considerado, é a coerência dos fatos nas produções. São necessárias muitas atividade de leitura, reescrita de textos, para que haja uma melhor compreensão e apropriação da Língua Portuguesa, L2 dos surdos.

As crianças surdas, principalmente àquelas filhas de pais ouvintes, devem ser integradas à comunidade surda desde muito cedo para que tenham contato e realizem trocas sociais com pares surdos. Com isso se poderá ter um desenvolvimento que propicie uma capacidade de aprendizagem como a de uma criança ouvinte. Se integrada, desde pequena na comunidade surda, essa criança adquire sua língua materna de forma natural e se integrará também a comunidade e cultura ouvinte, sem deixar as suas próprias características da cultura e comunidade surda. Logo:

[...] no caso da comunidade surda, a L1 é essencial – as crianças surdas precisam ter acesso a uma língua de sinais para garantir o desenvolvimento da linguagem e, conseqüentemente, do pensamento – e a L2 é necessária – as crianças precisam dominar a L2 para fazer valer os seus direitos diante da sociedade ouvinte. (QUADROS, 1997, p. 85)

Goés (p.37, 2002), afirma que “o desenvolvimento da criança surda deve ser compreendido como processo social, e suas experiências de linguagem concebidas como instâncias de significação e de mediação nas suas relações com a cultura, nas interações com o outro”. Luria (1990, p. 144) define a escrita como “uma função que se realiza, culturalmente mediação”.

O ser humano necessita estabelecer contato com outros seres humanos para aperfeiçoar e construir novos conceitos. Outra pessoa/contato social, que compartilhe a mesma situação, tem papel muito significativo para as crianças que estão no auge de seu desenvolvimento, para a construção de hipóteses e adequações acerca das experiências e laços construídos.

Para Vygotsky (1987, p.120), a língua escrita é “um sistema particular de símbolos e signos cuja denominação prenuncia um ponto crítico em todo o desenvolvimento cultural da criança”. Sendo assim, a língua escrita não é apenas a representação da língua falada, mas sim um sistema mais rígido, uma vez que não conta com a aparência e fisionomia, os gestos e mímicas e o tom de voz da pessoa que vos fala.

É muito importante que a criança, ao estabelecer uma comunicação, já se sinta parte da comunidade em que vive. Interagindo com as demais pessoas em outros ambientes, vai-se ampliando a sua capacidade de conhecer e vivenciar processos de aprendizagem. Sendo assim, é possível dizer que as crianças são seres ativos no processo de seu conhecimento, pois, na medida em que se comunica e estabelece relações, desenvolve-se culturalmente e socialmente, constituindo-se como um cidadão ativo.

## **PARTE III**

### **3. DISCUSSÃO DOS DADOS E RESULTADO**

Esta parte do estudo está reservada para análise dos dados. Após um trabalho de leitura dos fragmentos relatados pelos sujeitos, criou-se duas Categorias de Análises para tratamento dos dados. São elas:

Professor Ouvinte/Aluno Surdo: Reações e Atitudes em Sala de Aula

Interação e Comunicação: “Como explicar os conteúdos se não sei Libras”.

#### **3.1 Professor Ouvinte/Aluno Surdo: Reações e Atitudes em Sala de Aula**

Dentre os 4 (quatro) professores entrevistados, 1 (um) deles tem algum conhecimento e formação, tanto na área da Surdez/Libras quanto na área da Educação Especial, pelo fato de ser formado há pouco tempo. As outras 3 (três) professoras não receberam nenhum tipo de formação na área específica da surdez, nem mesmo na época da graduação. Antes das leis que garantem o uso da Libras como língua oficial, os alunos eram incluídos em salas de aula regulares e/ou em classes especiais em escolas comuns de ensino, não utilizavam a Libras, não conheciam e nem estudavam a questão cultural, da comunidade e identidade surda.

Conforme Rampelotto (2004), ao se referir à trajetória do curso que a habilitou enquanto professora de surdos:

[...] o discurso que circulava em sala de aula era de que a alteridade deficiente ou o outro deficiente é menor, tem uma educação incompleta e necessita de uma didática especial. Os surdos, por exemplo, considerados como os outros deficientes, deveriam ser curados da surdez. Eles deveriam ser modificados em suas habilidades e ser levados à normalidade – e a normalidade, para os surdos, era a fala (RAMPELOTTO, 2004, p14-15).

Quanto ao questionamento, sobre a trajetória acadêmica dos professores, os sujeitos participantes deste estudo declaram:

**[P1]** *Me formei em 1980, não conhecia nenhum surdo, naquele tempo a educação não visava à educação de surdos.*

**[P2]** *Absolutamente nada sobre educação de surdos.*

**[P3]** *Quando eu me formei lá em 2003, não tinha disciplinas de Libras, nem essas disciplinas de Educação Especial que hoje já são obrigatórias nos currículos.*

**[P4]** *Fiz uma disciplina na graduação que depois veio a se tornar obrigatório, LIBRAS.*

A partir de abril de 2004, por meio da sanção da Lei nº 10.436, cujos currículos dos cursos do ensino superior foram adaptados para receber uma disciplina de Libras e uma sobre a Educação Especial. Rampelotto afirma:

Até final do ano de 2003 em substituição à Disciplina Complementar de Graduação, existiu um projeto, coordenado por um professor do Departamento de Educação Especial que desenvolvia a prática da língua de sinais, mas que, muitas vezes, pela falta de recursos financeiros para pagar um instrutor surdo deixava de ser realizada. Com a reforma curricular e alterações do Curso de Educação Especial, que concebe o professor egresso como um profissional generalista, é oferecida como disciplina regular do Curso: Língua Brasileira de Sinais I, II e III. (RAMPELOTTO, 2004, p.20)

Antes de a disciplina ser ofertada oficialmente no Currículo do Curso de Educação Especial de Santa Maria, eram desenvolvidos, desde 1994, projetos onde surdos ensinavam a Libras aos acadêmicos/as interessados/as em aprendê-la, no âmbito da UFSM. Para Rampelotto (2004, p.20) “era necessário e urgente oferecer aos professores em formação o conhecimento teórico e a prática da língua de sinais”.

A inclusão da disciplina de Língua Brasileira de Sinais I (Libras I) no currículo do Curso, se deu a partir de um projeto, pensado e proposto pelas professoras Elisane Maria Rampelotto e Maria Alzira da Costa Nobre (linguista aposentada pela UFSM).

Nas palavras de Rampelotto, a proposta da disciplina de Libras:

[...] foi inserida no programa como Atividade Complementar de Graduação (ACG), atualmente com o nome de Disciplina Complementar de Graduação (DCG). A oferta dessa disciplina

despertou grande interesse dos alunos do Curso de Educação Especial e de vários outros cursos da UFSM. O oferecimento da disciplina foi previsto para o primeiro semestre de cada ano, mas, devido ao número expressivo de alunos interessados que disputavam uma vaga, a disciplina passou a ser trabalhada em todos os semestres. (RAMPELOTTO, 2004, p.20)

Retomando os dados de pesquisa, dos quatro professores, entrevistados nesse estudo, todos/as foram encaminhados/as pela 8<sup>o</sup> *Coordenadoria Regional de Educação (CRE)* para a escola de surdos da mesma forma, sem saber que a Escola Estadual De Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser é uma escola de surdos. Apresentamos a seguir fragr das respostas dos sujeitos da pesquisa em relação a essa questão:

**[P1]** *Eu vim para essa escola porque a CRE me mandou para cá, não conhecia nada...e quando conversei com a diretora da época, ela me deu apoio, disse que chegaria mais professores nas mesmas condições que eu, sem conhecimento sobre libras e a escola num primeiro momento oferecia interprete.*

**[P2]** *Eu vim para Santa Maria, e eu tinha 60 horas, aí fui 40 horas para outra escola e me ofereceram 20 horas nessa escola que estava sendo inaugurada em 2001, e vim trabalhar matemática e ciências.*

**[P3]** *Cheguei nessa escola, em 2010 quando fiz o concurso para o estado e fui aprovada em 20 horas no fundamental e 20 horas no ensino médio, e eles me chamaram para as 40 horas de início para o Cóser, e não me avisaram que era uma escola de surdos, e quando cheguei aqui fiquei um pouco apavorada, mas pensei “vamos lá né”. Diretora me apoio, e um rapaz me ajudou nas aulas e assim fui aprendendo, fiz os cursos que disponibilizaram aqui na escola e no dia-a-dia a gente aprende muito.*

**[P4]** *Transferido pela 8<sup>a</sup> CRE, sou contratado e estavam precisando de professor de inglês.*

Ao chegar à instituição indicada pela 8<sup>a</sup> CRE, sem condições de se comunicar com os alunos, os professores tiveram que participar de cursos oferecidos pela escola. E, também, durante as aulas tinham intérprete acompanhando-os na sala de aula. Quando questionados sobre o conhecimento e/ou domínio da língua gestual visual utilizada pelos surdos, destacam:

**[P1]** *Não conhecia Libras. Estou na escola desde 2006, a libras é como outra língua qualquer, se aprende no convívio e na prática. Também fiz o curso de libras que a escola oferece o básico, intermediário e avançado com o professor J.*

**[P2]** *Não conhecia libras, mas agora tenho 16 anos de convivência com esse público, desde que a escola foi inaugurada, eu estou aqui.*

**[P3]** *Não conhecia Libras. Agora posso dizer que tenha um domínio sobre as Libras.*

Gesser (2012) comenta o interesse em observar o início da aprendizagem das Libras por alunos ouvintes. Neste contexto examina “como os alunos ouvintes, iniciantes nessa aprendizagem, estabeleceriam a interação e a comunicação em sala de aula com seus professores surdos”. A pesquisadora e especialista na área da linguística aplicada à educação bilíngue, relata sua experiência no aprendizado da Libras:

Quando passei a aprender a LIBRAS, senti na pele, muitas vezes por desconhecimento, os medos, anseios, angústias e frustrações pelos quais passa a maioria dos ouvintes nos primeiros contatos com um surdo e a língua de sinais. Mas não nego que aprendizes brasileiros, por exemplo, em contato com uma língua estrangeira oral também passem por essas mesmas sensações... (GESSER, 2012, p.10)

É possível perceber que os sujeitos deste estudo revelam que possuem as mesmas reações diante da possibilidade de atuação numa escola para surdos. O que se observa e, é recorrente nas práticas escolares, é o desconhecimento da língua espaço visual pelos professores ouvintes. E, por muitas vezes os aprendizes desta nova língua sentem-se ansiosos e aflitos ao entrarem em contato pela primeira vez com a língua de sinais.

Ainda, como ressalta Gesser (2012)

[...] aprender uma língua cujo canal de comunicação é totalmente alheio e diferente causa um estranhamento aos olhos e mãos dos ouvintes, e esse estranhamento é ampliado e agravado quando compartilha a convicção (cem por cento equivocada!) de que os surdos são "deficientes" e "anormais" ou de que as línguas de sinais não são línguas (GESSER, 2012, P.10).

Para facilitar o aprendizado de qualquer língua (oral ou de sinais) é preciso estar imerso na comunidade que a utiliza. É preciso que a formação, principalmente dos professores das licenciaturas, seja assim pensada.

Ao serem interrogados sobre a reação de encontrar pela primeira vez com aluno/s surdo/s em sala de aula os professores ouvintes revelam sentimentos semelhantes. A reação da maioria dos professores ouvintes foi de susto e o sentimento de medo, por não ter conhecimento na área da surdez. Relatam que ficavam pensando: como poderiam explicar os conteúdos das aulas? Em como preparar essas aulas? Quais alternativas utilizar para facilitar a compreensão dos alunos nas diferentes disciplinas ofertadas? Veja alguns dos fragmentos relacionados às reações dos professores:

**[P1]** *quando cheguei aqui fiquei meio assustada, como que eu vou dar conta de dar aula para surdos, porque a CRE não me avisou, apenas falaram que era para eu vir para essa escola. Mas tive muito apoio do professor J. [refere-se a um professor surdo] que nos primeiros momentos me serviu como "interprete" em sala de aula.*

**[P2]** *Medo, muito medo.*

**[P3]** *Pensei. O que vou fazer? Como vou dar aula para eles?*

**[P4]** *me senti como um estrangeiro.*

Skliar (1998), revela que entende que “a formação de professores para atender a alunos surdos depende da convivência com a comunidade surda, a aprendizagem da língua de sinais e o estudo de uma pedagogia ampla” (SKLIAR, 1998, p.37). Portanto, é preciso que a formação, principalmente dos professores das licenciaturas, seja planejada nesse sentido. No entanto, pode-se perceber que ainda hoje é incipiente a formação de professores que, de forma inesperada, iniciam atividades pedagógicas com surdos sem habilitação ou preparação prévia.

### **3.2 Interação e Comunicação: “Como explicar os conteúdos se não sei Libras”?**

Em relação à interação e comunicação, os sujeitos desta pesquisa foram unânimes ao mencionar a forma que devem transmitir os conteúdos para os



alunos. Semelhante, também, é a abordagem que relatam ser utilizada em sala de aula. Afirmam que:

**[P1]** *Por ser uma escola bilíngue, o conteúdo todo é passado em português escrito e a partir daí se faz toda a explicação e dinâmica de sala de aula em Libras [...] A abordagem utilizada em sala de aula é a mesma usada nas demais escolas regulares. Só que com a diferença da utilização de Libras, que é a língua materna deles. E na medida do possível eu utilizo slides, imagens, data show, computadores, porque a minha disciplina é de muita abstração, então não há muito material visual digital.*

**[P2]** *A transmissão dos conteúdos é feita em Libras. Nós pegamos o português e fizemos a leitura em libras, para acontecer à compreensão em Libras, eles precisam da compreensão de mundo na primeira língua deles. Usamos todos os tipos de recursos disponibilizados na escola, procuramos fazer uso de todos os materiais visuais para fazer essa compreensão de mundo. Por exemplo, eu trabalhando em ciências, trabalho animais, tento trazer o máximo de visual, a internet hoje é fundamental na compreensão dos conteúdos [...] A abordagem utilizada é a libras, mas escrevemos o português. Mas a compreensão é em Libras.*

**[P3]** *E a primeira coisa que pensei, tenho que trazer imagens, slides e data show, tentar nesse caminho para ver o retorno que recebo para saber se estou fazendo certo. E a partir disso que comecei meu trabalho com as minhas turmas aqui no Cóser [...] Eu escrevo no quadro em português e sinalizo em libras para uma melhor compreensão dos alunos. Utilizo vídeos, que represente o conteúdo que estou trabalhando no momento. Hoje em dia temos vários recursos que podemos usar [...] Quando o conteúdo é muito teórico e utiliza termos específicos, não escrevo no português, faço a explicação primeiro em Libras e dependendo da compreensão fizemos resumos e a escrita. Procuo levá-los até a sala de informática para a pesquisa, e assim eles procuram pelos termos anotados nos cadernos.*

**[P4]** *Escrevo no quadro, converso um pouco em Libras vou formando palavras com o alfabeto de libras, e os alunos ajudam muito os professores que não sabem libras. [...] Quadro, sinais, e textos, filmes com legenda.*

A escola, lócus deste estudo, tem como proposta o ensino bilíngue, ou seja, o uso da Libras e do português escrito para explicar os conteúdos. Conforme o Regimento da *Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser* sua filosofia apresenta:

uma proposta de Educação Bilíngue para surdos para que estes constituam enquanto sujeitos históricos, inseridos num contexto sócio-cultura-político-antropológico, que os leva a refletir, a comprometer-se e a participar do mundo, assim, uma consciência crítica na sua interação com o mesmo (REGIMENTO ESCOLAR, 2003, p.2)

A educação bilíngue para os surdos "propõe dirigir a atenção da criação de uma identidade bicultural confortável ao permitir a criança desenvolver potencialidades dentro da cultura surda" (BEHARES & MASSONE, 1990, p. ...)

Assim, com a educação bilíngue, o surdo se torna uma pessoa ajustada ao meio em que vive na sua comunidade e sociedade, sendo capaz de competir com a comunidade majoritária, a ouvinte.

As línguas, em geral, segundo Quadros e Schmiedt (1997, p.13), "expressam a capacidade dos seres humanos para a linguagem, expressam as culturas, valores e os padrões sociais de determinado grupo social". Ao mesmo tempo em que o português escrito, ou seja, a L2 dos surdos é de difícil compreensão e adaptação, mas que é de grande importância para o desenvolvimento dos alunos.

De acordo com Silva:

Se por uma via, a questão do aprendizado da Língua Portuguesa é um dos temas mais discutidos no contexto da educação de surdos, quando os ouvintes falam sobre as dificuldades dos Surdos em relação à leitura e à escrita em Português. Por outra, cada vez mais a língua de sinais vem se destacando como a língua mediadora de acesso ao conhecimento e, inclusive, como língua base no aprendizado da língua. (2008, p.37-38)

Com o intuito de colaborar no processo de compreensão e entendimento dos alunos, todos os professores relatam que utilizam muito o visual e a dramatização em sala de aula para a assimilação dos conteúdos e aprendizagem dos alunos surdos. Para Gesser (2012), "em momentos em que você queira se fazer entender em Libras e não consiga, *faça uso de dramatizações ou outras versões comunicativas* ( como a escrita do português ou mesmo o uso de datilologia)" (GESSER, 2012, p.181)

Alguns professores também fazem uso da sala de informática para pesquisas, pois durante as aulas, os alunos realizam anotações, copiam resumos, esquemas que são passados no quadro pelos professores. Na sala

de informática os alunos tem a oportunidade de pesquisar sobre o que aprenderam e entenderam durante a explicação realizada em na sala de aula.

**[P1]** e *na medida do possível eu utilizo slides, imagens, data show, computadores...*

**[P3]** *faço a explicação primeiro em Libras e, dependendo da compreensão fizemos resumos e a escrita. Procuo levá-los até a sala de informática para a pesquisa, e assim eles procuram pelos termos anotados nos caderno.*

Fundados em Spinelli (2007),

[...] um recurso digital reutilizável que auxilie na aprendizagem de algum conceito e, ao mesmo tempo, estimule o desenvolvimento de capacidades pessoais, como, por exemplo, imaginação e criatividade. Dessa forma, um objeto virtual de aprendizagem pode tanto contemplar um único conceito quanto englobar todo corpo de uma teoria. Pode ainda compor um percurso didático, envolvendo um conjunto de atividades, focalizando apenas determinado aspecto do conteúdo envolvido, ou formando com exclusividade, a metodologia adotada para determinado trabalho. (SPINELLI, 2007 p. 7).

A utilização do computador pode tornar acessíveis os conteúdos trabalhados em sala de aula, assim como de subsídio no processo de ensino-aprendizagem desses sujeitos. A proposta desse objeto de aprendizagem é evidenciar aspectos lúdicos envoltos aos conceitos trabalhados em sala de aula e proporcionar uma aprendizagem significativa, bem como, estratégias que desenvolvam a autonomia de pesquisar sozinhos e, a criatividade do aluno surdo.

Trazemos à discussão o que postulam os autores, Santos, Flôres e Tarouco:

Atualmente, os objetos de aprendizagem podem ser encarados como materiais importantes no processo de ensino e aprendizagem, pois nos fornecem a capacidade de simular e animar fenômenos, entre outras características, assim como, reutilizá-los em vários outros ambientes de aprendizagem. Eles podem ser localizados na *Internet*, através de repositórios, proporcionando, entre outras características, a redução de custos de produção de materiais educacionais. (SANTOS; FLÔRES; TAROUCO, 2007 apud AUDINO, 2012, p. 130).

Trago, o fragmento da entrevista com uma das professoras, para ilustrar a questão dos materiais educacionais:

**[P2]** *usamos todos os tipos de recursos disponibilizados na escola, procuramos fazer uso de todos os materiais visuais para fazer essa compreensão de mundo. Por exemplo, eu trabalhando em ciências, trabalho animais, tento trazer o máximo de visual, a internet hoje é fundamental na compreensão dos conteúdos.*

#### 4. ENCERRANDO A PESQUISA

Essa pesquisa é de grande importância para os acadêmicos e acadêmicas do Curso de Educação Especial, futuros profissionais da área da educação de surdos. Que é passar conhecimentos e conteúdos, assim como para os alunos surdos que dependem dos professores para a sua formação inicial e futura. É importante também para toda sociedade, compreender melhor a história e cultura e comunidade surda.

E conforme a entrevista realizada na escola com diferentes professores, ingressos na escola em diferentes períodos, podemos perceber poucas diferenças na questão do ensino da Libras no ensino superior nas licenciaturas, antes da lei e agora que é obrigatório.

Apesar de ser obrigatório há mais de 10 (dez) anos, a disciplina de Libras nas licenciaturas, o ensino ainda é extremamente precário, geralmente com a oferta de uma única disciplina durante a graduação. Isso nos leva a crer que a interação e comunicação com o aluno surdo ficam prejudicadas, em razão da função dessa falta de conhecimentos.

O Curso de Educação Especial oferece em sua grade curricular 4 (quatro) disciplinas de Libras que são essenciais para o estágio obrigatório na Área da Surdez. No entanto, estudos vem demonstrando que a maioria das estagiárias sentem-se despreparadas para atuarem em sala de aula com alunos surdos.

Como exemplo trago a pesquisa realizada por Brum (2017), intitulada Libras: experiências vividas por acadêmicos ouvintes do Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria- RS. O estudo revela "que a maioria das acadêmicas não se sentem seguras em relação a aprendizagem/domínio da Libras" (Brum, 2017, p. 5). Ainda, as acadêmicas do Curso de Educação Especial "destacam a necessidade de aumentar a carga horária da disciplina de Libras, apontando como indispensável maior número de aulas práticas e, principalmente maior proximidade e contato direto com a comunidade surda" (op. cit). No final do estudo a autora diz que "é de fundamental importância afirmar que é na imersão junto ao surdo e entrando em contato com o universo surdo que as acadêmicas poderão aprender e ter fluência na Libras" (op. cit).

Enquanto as demais licenciaturas do ensino superior ofertam apenas 1(uma) disciplina de Libras, sendo assim, também é de supor que os acadêmicos e acadêmicas não se sintam preparadas/os para ser professor/a de surdos para atuarem frente a uma turma ou um aluno incluído na sala regular.

Portanto, conclui-se que os cursos ainda não proporcionam ao futuro docente uma aprendizagem e fluência na língua de sinais, fazendo-se necessário o uso de diversos recursos, principalmente visuais, para que possa ocorrer a comunicação entre professor/ aluno e entre aluno/ conteúdo.

## 5. REFERÊNCIAS

BEHARES, Luis Ernesto; MASSONE, Maria Ignácia. **Novos passos e nel área de la educación de sordos**. Montevideo: Gaceta Universitaria, 1990.

\_\_\_\_\_, Luis Ernesto & MASSOME, Maria Ignácia. Nuevos Pasos en el aria de la educación de sordos. Gaceta Universitaria. Montevidel, 1990

**BRUM, Daiane Rasera. LIBRAS: EXPERIÊNCIAS VIVIDAS POR ACADÊMICOS OUVINTES DO CURSO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA- RS. 2017**

CAPOVILLA, A. G.S; CAPOVILLA, F. C; SOARES, J. V. T. **Consciência sintática no ensino fundamental: correlações com consciência fonológica, vocabulário, leitura e escrita**. Psico-USF, 2000.

CICCONE, Maria Marta Costa. **Comunicação total: uma filosofia educacional. Comunicação Total**. Rio de Janeiro: Cultura Médica, cap.1, p.6-9, 1990.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LABORIT, Emmanuelle. **O Grito da Gaivota** (2.a edição) Título original: *Le cri de la mouette*. Tradução: Ângela Sarmento. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

FERREIRA BRITO, Lucinda. **Integração social do surdo**. Trabalhos de linguística aplicada. Campinas, 1986.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GESSER, Audrei. Considerações Finais: Orientações para aprendizes ouvintes. In: **O ouvinte e a Surdez: sobre ensinar e aprender a Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GÓES, M. C. R. de. **Linguagem, surdez e Educação**. Campinas: Autores associados, 2002.

HIRTZ, S. Pesquisa em Educação. IN: SCHERER, S. (org.) **Formação Pedagógica. Jaraguá do Sul**. Santa Catarina: Editora UNERJ, 2004.

LINHARES, C. F. S. Memórias e projetos nos percursos interdisciplinares e transdisciplinares. In: FAZENDA, I. (Org.). **A virtude da força nas práticas interdisciplinares**. Campinas, 2001.

LURIA, Alexander R. Generalização e abstração. **Desenvolvimento cognitivo**. São Paulo: Ícone, 1990.

MAROSTEGA, Vera Lucia; LUNARDI, Márcia Lise. **Estágio supervisionado / surdez: 8º semestre / Elaboração do conteúdo Profa. Elisane Maria Rampelotto ... [et al], 1.ed. - Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria,**

Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2006.

PERLIN, G; STROBEL, K. **Fundamentos da Educação de Surdos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura e Bacharelado em Letras/ Língua Brasileira de Sinais. Florianópolis, 2008.

POKER, R. B. ; MARTINS, S. E. S. O. Surdez e bilinguismo. In: Eduardo José Manzini. (Org.). **Educação Especial: temas atuais**. 1ed. Marília: UNESP-Marília Publicações, 2000.

POSSA, L.B., **Curso de Especialização a Distância**, 2008.

QUADROS, R. M; SCHMIEDT, M. L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 1997.

\_\_\_\_\_, R. M. Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. Artigo publicado no livro pós-congresso “**Temas em Educação Especial IV**”. EDUFSCar, 1997.

RAMPELOTTO, E.M. Estágio Supervisionado/Surdez. **O Contexto de Atuação Pedagógico**. 1.ed. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, Pró-Reitoria de Graduação, Centro de Educação, Curso de Graduação a Distância de Educação Especial, 2006.

\_\_\_\_\_, Elisane Maria. **Processo e produto na educação de surdos. Santa Maria: UFSM/CE, 1993**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação. Centro de Educação/Universidade Federal de Santa Maria, 1993.

\_\_\_\_\_, Elisane Maria. **Mesmidade ouvinte & alteridade surda: invenções do outro surdo no Curso de Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria**. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

\_\_\_\_\_, Elisane Maria. *Processo e produto na educação de surdos*. Santa Maria: UFSM/CE, 1993. Santa Maria: Programa de Pós-Graduação/Centro de Educação/UFSM, 1993. (Dissertação de Mestrado).

**REGIMENTO ESCOLAR**. Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser. 2003.

SÁ, N.R.L. **Educação de Surdos: a caminho do bilinguismo**. Niterói: Eduff, 1999.

SANTOS, L. M. A; TAROUCO, L. M.R. **A importância do estudo da teoria da carga cognitiva em uma educação tecnológica**. Renote, v. 5, n. 1, 2007.

SILVA, S. G. L. **Ensino de língua portuguesa para surdos: das políticas as práticas pedagógicas**. 2008. 120f. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.



SKLIAR, Carlos B. Os estudos surdos em educação: problematizando a anormalidade. In: **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. SKLIAR, Carlos B. Os estudos surdos em educação: problematizando a anormalidade. In: **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação,

SPINELLI, W. Os objetos virtuais de aprendizagem: ação, criação e conhecimento. **Aprendizagem matemática em contextos significativos: objetos virtuais de aprendizagem e percursos temáticos**. São Paulo: Faculdade de Educação da USP–2005, 2007.

STOKOE, William C. **Estrutura de linguagem de sinais. Revisão anual da antropologia**, v.9, 1980. Traduzido por Maria Alzira Nobre

VYGOTSKY, Lev S. **O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância. Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

## APÊNDICE A

### QUESTÕES:

1. Qual sua formação acadêmica?
2. Em sua trajetória acadêmica você recebeu conteúdos relacionados à educação de surdos?
3. Você conhece a Libras? Tem domínio da língua gestual visual utilizada pelos surdos?
4. Você trabalha numa escola para surdos. Você foi informado/a que a escola era de alunos surdos?
5. Qual a sua reação ao deparar-se pela primeira vez com aluno/s surdo/s em sala de aula?
6. Como você transmite os conteúdos para o/s aluno/s surdos em sala de aula?
7. Qual a abordagem é utilizada para a comunicação em sala de aula?

## RESPOSTAS DOS SUJEITOS DA PESQUISA

### Respostas (P1)

- 1- Graduação em filosofia-licenciatura e psicologia.
- 2- Não, me formei em 1980, não conhecia nenhum surdo, naquele tempo a educação não visava à educação de surdos.
- 3- Não conhecia Libras. Estou na escola desde 2006, a libras é como outra língua qualquer, se aprende no convívio e na prática. Também fiz o curso de libras que a escola oferece o básico, intermediário e avançado com o professor J.
- 4- Estou praticamente me aposentando. Eu vim para essa escola porque a CRE me mandou para cá, não conhecia nada. Cai aqui de paraquedas. E quando conversei com a diretora da época, ela me deu apoio, disse que chegaria mais professores nas mesmas condições que eu, sem conhecimento sobre libras e a escola num primeiro momento oferecia interprete.
- 5- E quando cheguei aqui fiquei meio assustada, como que eu vou dar conta de dar aula para surdos, porque a CRE não me avisou, apenas falaram que era para mim vir para essa escola. Mas tive muito apoio do professor J. que nos primeiros momentos me serviu como "interprete" em sala de aula.
- 6- Aqui por ser uma escola bilíngue, o conteúdo todo é passado em português escrito e a partir daí se faz toda a explicação e dinâmica de sala de aula em libras.
- 7- A abordagem utilizada em sala de aula é a mesma usada nas demais escolas regulares. Só que com a diferença da utilização de Libras, que é a língua materna deles. E na medida do possível eu utilizo slides, imagens, data show, computadores, porque a minha disciplina é de muita abstração, então não há muito material visual digital.

**Respostas (P2)**

- 1- Formação em ciências biológicas e licenciatura plena em biologia.
- 2- Absolutamente nada sobre educação de surdos.
- 3- Não conhecia libras, mas agora tenho 16 anos de convivência com esse público, desde que a escola foi inaugurada, eu estou aqui.
- 4- Eu vim para Santa Maria, e eu tinha 60 horas, aí fui 40 horas para outra escola e me ofereceram 20 horas nessa escola que estava sendo inaugurada em 2001, e vim trabalhar matemática e ciências.
- 5- Medo, muito medo.
- 6- A transmissão dos conteúdos é feita em Libras. Nós pegamos o português e fizemos a leitura em libras, para acontecer a compreensão em libras, eles precisam da compreensão de mundo na primeira língua deles. Usamos todos os tipos de recursos disponibilizados na escola, procuramos fazer uso de todos os materiais visuais para fazer essa compreensão de mundo. Por exemplo, eu trabalhando em ciências, trabalho animais, tento trazer o máximo de visual, a internet hoje é fundamental na compreensão dos conteúdos.
- 7- A abordagem utilizada é a libras, mas escrevemos o português. Mas a compreensão é em libras.

**Respostas (P3)**

1- Licenciada em história e especialização em pedagogia gestora e duas especializações em educação de surdos.

2- Não, quando eu me formei lá em 2003, não tinha disciplinas de libras, nem essas disciplinas de educação especial que hoje já são obrigatórias nos currículos.

3- Não conhecia Libras. Agora posso dizer que tenha um domínio sobre as Libras.

4- Cheguei nessa escola, em 2010 quando fiz o concurso para o estado e fui aprovada em 20 horas no fundamental e 20 horas no ensino médio, e eles me chamaram para as 40 horas de início para o Cóser, e não me avisaram que era uma escola de surdos, e quando cheguei aqui fiquei um pouco apavorada, mas pensei “vamos lá né”. Diretora me apoiou, e um rapaz me ajudou nas aulas e assim fui aprendendo, fiz os cursos que disponibilizaram aqui na escola e no dia-a-dia a gente aprende muito.

5- Pensei. O que vou fazer? Como vou dar aula para eles? E a primeira coisa que pensei, tenho que trazer imagens, slides e data show, tentar nesse caminho para ver o retorno que recebo para saber se estou fazendo certo. E a partir disso que comecei meu trabalho com as minhas turmas aqui no Cóser.

6- Eu escrevo no quadro em português e sinalizo em libras para uma melhor compreensão dos alunos. Utilizo vídeos, que represente o conteúdo que estou trabalhando no momento. Hoje em dia temos vários recursos que podemos usar.

7- Quando o conteúdo é muito teórico e utiliza termos específicos, não escrevo no português, faço a explicação primeiro em libras e dependendo da compreensão fizemos resumos e a escrita. Procuo levá-los até a sala de informática para a pesquisa, e assim eles procuram pelos termos anotados nos cadernos.

**Respostas (P4)**

- 1- Graduado em letras inglês e mestrando em educação
- 2- Fiz uma disciplina na graduação que depois veio a se tornar obrigatório, LIBRAS
- 3- Conheço, sei pouco.
- 4- Transferido pela 8ª CRE, sou contratado e estavam precisando de professor de inglês.
- 5- Precisei de intérprete, me senti como um estrangeiro lembrou-me do tempo que morei na Alemanha e estava aprendendo uma nova língua para me fazer ser entendido em outro meio/contexto. O que mais me chamou a atenção, como professor de línguas, é notar que o português funciona como sua segunda língua, e que o uso de preposições não são necessárias ou não fazem sentido, bem como a conjugação de verbos, que não são feitas na sinalização.
- 6- Escrevo no quadro, converso um pouco em Libras ou formo palavras com o alfabeto de libras, e os alunos ajudam muito os professores que não sabem libras. Alguns alunos não têm paciência e desconfiam do conhecimento do professor que sabe pouco Libras, como qualquer pessoa falante de uma língua nativa que comete o preconceito linguístico com alguém que está aprendendo sua língua.
- 7- Quadro, sinais, e textos, filmes com legenda.

## APÊNDICE B

### MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: **A Experiência de Ser professor(a) de Surdos: em que língua vou ensinar?**

Pesquisador responsável (Orientador): **Elisane Maria Rampelotto**

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/ UFSM – Departamento de Educação Especial

Telefone e endereço postal completo: (55) 3220-8925. Avenida Roraima, 1000, Centro de Educação prédio 16, sala 3244 A, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados: Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Coser – Santa Maria

Eu, Elisane Maria Rampelotto, responsável pela pesquisa “**A Experiência de Ser professor(a) de Surdos: em que língua vou ensinar?**”; juntamente com a acadêmica Cássia Jarine Sima, o convidamos a participar como voluntário deste nosso estudo.

Esta pesquisa pretende mostrar o quanto é importante e necessário ter formação e conhecimento na área da surdez, principalmente para os acadêmicos dos cursos licenciados, pelo fato de poder receber uma turma ou um aluno surdo para ministrar aula. Reforçar a importância às grades curriculares serem ampliadas e forçadas, já que está em vigor desde 2004, a obrigatoriedade de Libras para os cursos.

Para sua realização será feito o seguinte: entrevista estruturada com quatro professores da escola para Surdos de Santa Maria, questionando sobre suas reações ao descobrir que ministrariam aula para alunos surdos. As entrevistas foram gravadas e transcritas para as análises

É possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos: que você sinta algum desconforto ao lembrar-se de alguma etapa tanto do desenvolvimento, quanto da aprendizagem que seja desconfortável. Por isso, você pode escolher não responder quaisquer perguntas que o façam sentir-se incomodado. Estima-se que os riscos projetados para os participantes da pesquisa podem estar relacionados a algum constrangimento, já que envolve relembrar o passado. Os benefícios que esperamos como estudo é melhorar o ensino e formação do Ensino Superior, para que mais alunos surdos sejam privilegiados de receber professores capacitados para ensinar quaisquer que seja a área de estudo, que consiga se comunicar e transmitir adequadamente os conteúdos.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com algum dos pesquisadores ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão divulgadas, apenas, em eventos ou publicações, sem a identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Não haverá gastos para sua participação na pesquisa.

## **Autorização**

Eu, \_\_\_\_\_, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do voluntário

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Santa Maria, 8 de outubro de 2017.